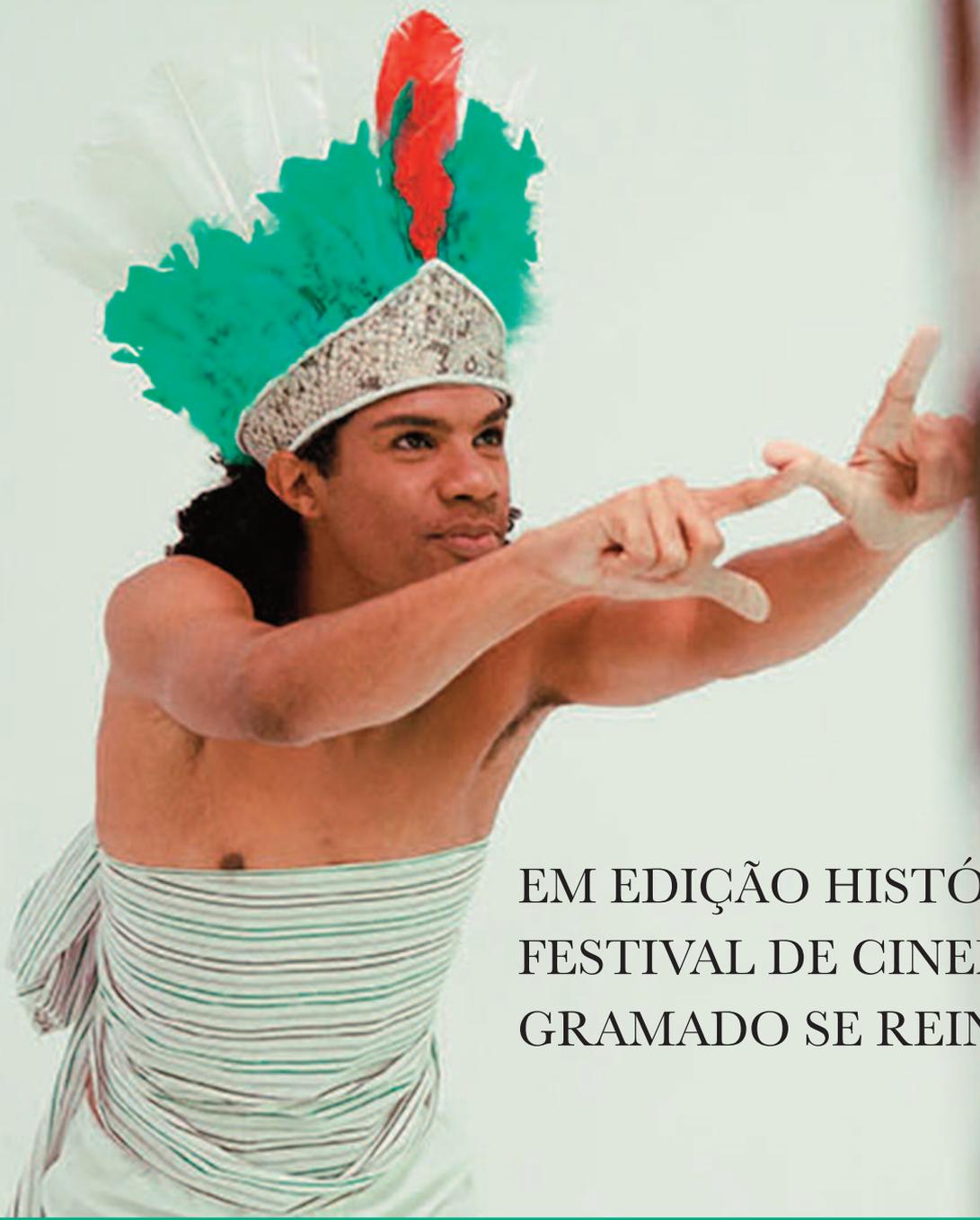


OXIGÊNIO

SETEMBRO 2020



NÚMERO 13



EM EDIÇÃO HISTÓRICA,
FESTIVAL DE CINEMA DE
GRAMADO SE REINVENTA



EDITORIAL

Resistimos. Porque somos resilientes.

“A arte existe porque a vida não basta.” (Ferreira Gullar)

*“Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.” (Cecília Meireles)*

“Temos a arte para não morrer da verdade.” (Friedrich Nietzsche)

Mas acima de tudo porque somos brasileiros. Não os do “jeitinho”; mas aqueles que se reinventam, que remam contra a maré. E porque temos esperança mesmo quando tudo parece perdido.

Temos nossa Arte, nossa Cultura, nosso Turismo, nossa Gastronomia, nossa maneira de ser e estar, nossa gente. E muito, muito mais!

Continuemos, simplesmente, a respirar. A OXIGÊNIO está aqui. Recheada de coisas boas e de motivos para não esmorecer.

Se inspire. Aliás, inspire, expire, não pire!

Boa leitura!

Foto de capa: *Still* do curta-metragem “*Joãosinho da Goméa – O Rei do Candomblé*” (RJ) / Divulgação

O filme apresenta Joãosinho da Goméa como narrador principal de sua história. Músicas cantadas por ele, *performances* provocadoras e arquivos diversos, ressaltam o quanto ele é importante para as religiões de matriz africana. A Rainha Elizabeth II disse que se o candomblé tivesse um rei, esse seria Joãosinho da Goméa, o Rei do Candomblé.

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboradores: Antonella Kann, Stella Kochen Susskind e Vicente de Mello | Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

O ÍNDICE

- 04 **OXIGENE:** MASP Escola lança três novos cursos online | Biografia definitiva de Janis Joplin chega ao Brasil | And the Emmy goes to...
- 06 **ARTE URBANA:** 2020 tem CURA!
- 08 **RESILIÊNCIA:** Resiliência – a arte da reinvenção I
- 09 **CINEMA:** Resiliência – a arte da reinvenção II
Festival de Cinema de Gramado entra na sua 48ª edição. Reinventada, histórica e híbrida!
- 14 **ARTE CONTEMPORÂNEA:** Resiliência – a arte da reinvenção III
Bienal do Mercosul 2022 – trauma, sonho e Fuga
- 16 **TURISMO:** Ilha de Holbox, genuína e preservada
- 23 **GASTRONOMIA & BEBIDAS:** Quando a vodka vira doce
- 26 **ARTISTA INDICA ARTISTA:** Nathan Braga por Vicente de Mello – Perda e reparação
- 30 **COMPORTEAMENTO:** O tipo de máscara revela o perfil do consumidor brasileiro?
- 36 **DIRETO DE LONDRES:** Pitt Rivers – um museu como nenhum outro

MASP ESCOLA LANÇA TRÊS NOVOS CURSOS ONLINE

Depois de migrar para o ambiente digital no início da pandemia, o MASP Escola chega em setembro com três cursos inéditos. Assim como as anteriores, todas as aulas serão ministradas online seguindo as medidas de isolamento social

Poéticas da performance afro-brasileira, Crise e criação na história da moda e Uma introdução ao afrofuturismo: características, narrativas e estéticas são os cursos do mês, com cinco encontros semanais cada um.

Os interessados podem se matricular pelo site oficial do museu; as vagas são limitadas. Cada curso custa R\$ 240 reais (Amigo MASP tem 15% de desconto).

Transmitidas ao vivo, todas as aulas contam com uma infraestrutura de atendimento e interatividade para promover uma experiência ativa e dinâmica de aprendizado. Participantes também podem acessar as gravações posteriormente, disponíveis por tempo limitado.

Os cursos serão realizados virtualmente pela plataforma *Elos*, parceira do museu.

Após o encerramento, aqueles que obtiverem 75% de frequência (ou seja, tiverem comparecido a três aulas) receberão um certificado de conclusão de curso em formato digital.

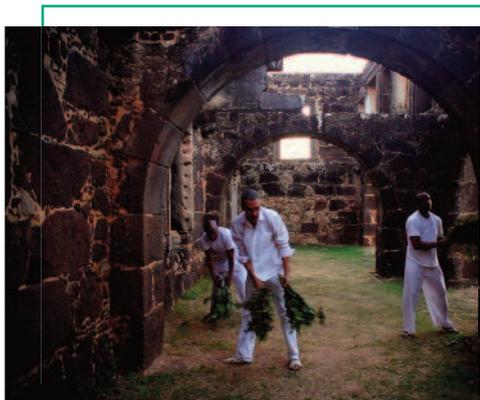
POÉTICAS DA PERFORMANCE AFRO-BRASILEIRA

Com Ayrson Heráclito

Às terças: 1, 8, 15, 22 e 29

Das 19h às 21h

O curso aborda temas relevantes para o estudo de processos de criação das artes visuais feitas pela população preta na contemporaneidade. Por meio de investigações feitas pelo autor – sobre rotas e trocas culturais entre o continente africano e o Brasil – um conjunto de poéticas artísticas será apresentado como marco para se pensar dinâmicas de uma historiografia da arte brasileira sem o influxo da produção artística europeia. Como novos sistemas artísticos estão ressignificando e institucionalizando as obras de *performance* que trazem uma distinção ao debate racial e identitário?



Ayrson Heráclito, *still* do vídeo-performance *O sacudimento da Casa da Torre*, 2015

CRISE E CRIAÇÃO NA HISTÓRIA DA MODA

Com Lilian Pacce

Às quartas: 2, 9, 16, 23 e 30

Das 18h30 às 20h30

Neste curso, a editora e curadora de moda Lilian Pacce aborda historicamente o impacto de grandes crises sobre a criação da moda e a mudança de costumes. Sendo a moda um reflexo de seu tempo, o que vem primeiro? Estilistas ao longo do último século souberam tanto antever quanto interpretar com maestria os desejos de cada época. O *zeitgeist* pós-guerra ou pós-pandemia da Covid-19 traz necessariamente grandes desafios e um novo *mindset*: de Balenciaga, Chanel e Givenchy ao biquíni e ao jeans, passando pela relação do MASP com a moda desde sua fundação.



Sophie, modelo parisiense, desfila no MASP da rua 7 de abril com o "*Traje do futuro*", criado por Salvador Dalí, 1951.

Foto: Acervo do Centro de Pesquisa do MASP

UMA INTRODUÇÃO AO AFROFUTURISMO: CARACTERÍSTICAS, NARRATIVAS E ESTÉTICAS

Com Kênia Freitas

Às quintas: 3, 10, 17 e 24/9 e 1/10

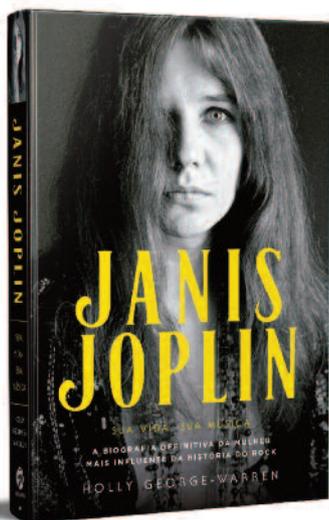
Das 19h às 21h

O estudo sobre afrofuturismo anuncia uma variedade de criações que especulam, fantasiam e fabulam a partir de uma perspectiva afrocentrada – seja no cinema, na literatura, na música, nas artes plásticas e visuais, no teatro, e em tantos outros campos de expressão cultural e artística. Analisando obras de diversos artistas, como John Akomfrah, Nuotama Bodomo, Diego Paulino, Cauleen Smith e Sun Ra, o curso tem como objetivo apresentar o afrofuturismo a partir da discussão de suas características, narrativas e estéticas.



Bernardo Oliveira, ilustração para a *Mostra Afrofuturismo – Cinema e Música em uma diáspora intergaláctica*, 2015

Matrículas pelo link masp.org.br/masp-escola



BIOGRAFIA DEFINITIVA DE JANIS JOPLIN CHEGA AO BRASIL NO ANO EM QUE SE COMPLETA 50 ANOS DE SUA MORTE

Livro relembra a carreira meteórica da cantora símbolo de independência feminina e cuja importância para a cena musical internacional permanece viva

O peso na letra unida à rouquidão e a emoção na voz de Janis Joplin dão o tom da carreira da maior e mais influente cantora de rock da história. Mas, por trás da figura mítica da artista, há uma vida carregada de transgressões, quebras de paradigmas, frustrações amorosas e dissabores familiares. Escrita por Holly George-Warren, jornalista e uma das mais respeitadas cronistas da história da música norte-americana, *“Janis Joplin: Sua Vida, Sua Música”*, lançamento da Editora Seoman, chega ao Brasil para nos fazer rememorar sua trajetória, no momento em que se marca o cinquentenário de sua morte.

Para relatar a vida da cantora, a autora recorreu a familiares da cantora, amigos, colegas de banda, pesquisou arquivos, diários, cartas e entrevistas há muito perdidas. Ela faz, sobretudo, um perfil minucioso detalhando os passos de Janis até a overdose acidental de heroína, que lhe ceifou a vida em 4 de outubro de 1970.

Por meio de um estilo radiante e intimista, esta biografia consolida Janis como vanguardista musical. Uma

mulher rebelde, dona de grande astúcia e personalidade complexa, que rompeu regras e desafiou todas as convenções de gênero em sua época, abrindo caminho para as mulheres poderem extravasar suas dores e revolta no cenário artístico sem serem tão oprimidas pelo universo machista existente no meio musical.

Janis se notabilizou com o rock, mas transitava com facilidade por outros ritmos, como *blues*, o *soul* e o *folk-rock*. Sua carreira solo teve poucos anos de existência, mas foi capaz de notabilizar canções como *“Mercedes Benz”*, *“Get It While You Can”* e *“Me and Bobby McGee”*. Entretanto, sua erudição, empenho e talento combinados não transformaram a cantora no símbolo que representa. *“Por sua influência e por seu próprio trabalho perene, Janis Joplin permanece no coração de nossa música e de nossa cultura”*, afirma a autora.

SERVIÇO:

Livro: *Janis Joplin: Sua Vida, Sua Música*

Autora: Holly George-Warren

Editora: Seoman | Preço: 69,90 | Páginas: 432

AND THE EMMY GOES TO...



Watchmen, The Marvelous Mrs. Maisel e Succession

Foto: Divulgação

No próximo dia 20 vamos conhecer as séries vencedoras da 72ª edição do Primetime Emmy Awards 2020, maior premiação da TV americana. Com apresentação de Jimmy Kimmel, a cerimônia será virtual, em modelo que segue sendo estudado pela Television Academy

Ainda dá tempo de conferir as produções nomeadas. *Watchmen* ficou com o primeiro lugar em nomeações (26), seguido por *The Marvelous Mrs. Maisel* (20), *Ozark* e *Succession* (18 cada). Participam também da disputa *The Mandalorian* (15), *Schitt's Creek* e *Saturday Night Live* (15 cada) e *The Crown* (13).



Foto: Television Academy

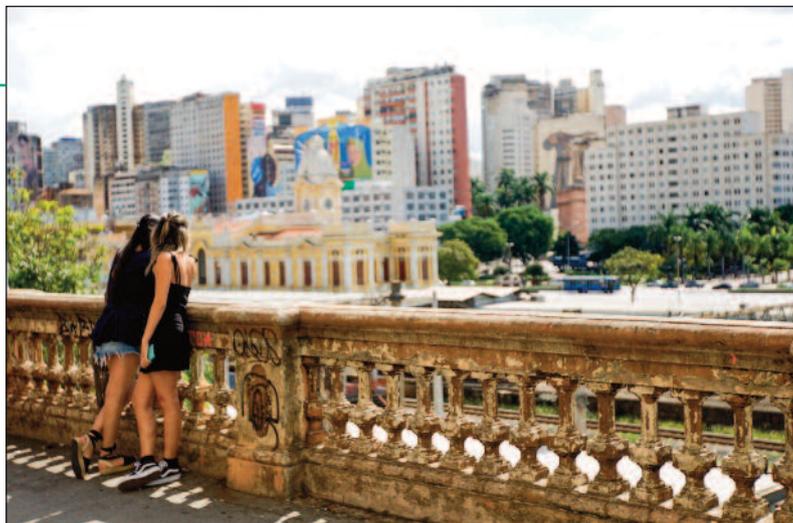
No total por plataforma, a Netflix lidera as nomeações com 160, estabelecendo um recorde anteriormente detido pela HBO que, este ano, teve o segundo maior número de indicações,

com 107. Fechando os cinco primeiros lugares estão NBC com 47, ABC com 36 e FX com 33.

Para o presidente e CEO da *Television Academy*, Frank Scherma, “apesar dos desafios sem precedentes que a indústria do entretenimento enfrenta, foi um ano extraordinário para a televisão, que inspirou, uniu e confortou uma audiência global nesta temporada. Estamos honrados em reconhecer tantos talentos, programas, produtores, diretores e artesãos por trás da narrativa notável que nos uniu enquanto permanecemos separados.”

Mais informações em: <https://www.emmys.com/awards/emmys>

2020 TEM CURA!



Vista de algumas obras da Rua Sapucaí em BH Foto: Area de Serviço

O maior festival de arte pública de Minas Gerais, o CURA, será realizado entre 22 de setembro e 4 de outubro. Serão entregues quatro novas pinturas em prédios no hipercentro de Belo Horizonte e duas grandes instalações de arte pública, também nas imediações do centro da cidade

Devido à pandemia, nesta quinta edição não haverá festas ou aglomerações. Toda a programação aberta ao público será virtual, como debates, oficinas e aulas, de forma gratuita e acessível. Uma programação diversa, que discute a atualidade e traz nomes em destaque no cenário nacional.

Neste ano, duas artistas foram convidadas para compor a comissão curadora: Arissana Pataxó, de Coroa Vermelha - Cabralia, e Domitila de Paula, de BH.

Ambas trabalharam junto com as criadoras do festival – Janaína Macruz, Juliana Flores e Priscila Amoni – e fizeram a curadoria dos quatro artistas que pintarão as empenas das duas intervenções urbanas pela cidade, além de toda a programação online.

Outra novidade da edição 2020 é o lançamento da Galeria de Arte Virtual do CURA, que irá colocar à venda obras de aproximadamente 60 artistas nacionais, também selecionados pela mesma comissão.

“O festival defende a resistência em tempos de aculturação e decide por uma curadoria que se aprofunda em um Brasil que é não somente urbano. É urgente ouvir as vozes que apontam caminhos outros. Estamos pela vida!”, diz Priscila Amoni, uma das curadoras.

O Circuito Urbano de Artes completa sua quinta edição. Com esta, serão 18 obras de arte em fachadas e empenas, sendo 14 na região do hipercentro da capital mineira e quatro na região da Lagoinha, formando, assim, a maior coleção de arte mural em

grande escala já feita por um único festival no país. O CURA também presenteou BH com o primeiro e, até então, único Mirante de Arte Urbana do mundo. Todas as pinturas podem ser admiradas da Rua Sapucaí.

Mais informações em <https://cura.art>
www.facebook.com/curafestival
www.instagram.com/cura.art



Stills de mini-vídeo institucional
Área de Serviço



RESILIÊNCIA: A ARTE DA REINVENÇÃO I

Vera Matagueira

*“Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.”*

Cecília Meireles

A segunda década do século XXI deflagrou uma das maiores, senão a maior, movimentação de águas dos últimos 100 anos. Um vírus, clichê *“inimigo invisível”*, desafia um planeta inteiro, que é obrigado a se repensar, a se reconstruir, a se transformar.

Reinventar virou palavra de ordem. Com uma primeira abordagem tímida, as *lives* foram dando as caras, primeiro através da música passando depois para todas as expressões artísticas – teatrais, expositivas, cinematográficas.

Já não se trata de mera reinvenção. Trata-se sim de desconstrução, disrupção. O elemento transformador surge a partir de todos os transbordamentos e suas complementaridades.

Assim, festivais de cinema, bienais de arte contemporânea, exposições, vão adquirindo novos formatos, se hibridizando, contaminando as poéticas em novas e velhas plataformas. Quando todas as áreas e saberes se tocam, a produção atinge, em todas as suas formas, um ponto mais visceral. E uma nova – e aí sim NOVA – linguagem desponta.

É o que temos visto, o que estamos vendo, vivendo e reinventando.

“Temos a arte para não morrer da verdade.”
Friedrich Nietzsche

RESILIÊNCIA: A ARTE DA REINVENÇÃO II

*FESTIVAL DE CINEMA
DE GRAMADO ENTRA
NA SUA 48ª EDIÇÃO.
REINVENTADA,
HISTÓRICA E HÍBRIDA!*



Troféu Kikito

Foto: Diego Vara / Pressphoto

Primeiro grande evento que elevou Gramado ao posto de pioneiro no mercado cinematográfico, chega a 48ª edição. Dessa vez, entre 18 e 26 de setembro, será multiplataforma e em formato inédito

“Sempre tivemos orgulho do Festival que construímos, mas este ano tem um sabor ainda mais especial. Sabemos o impacto que o Festival de Cinema de Gramado tem para a carreira dos filmes. Manter a realização do evento e essa janela aberta para o mundo é, sobretudo, um compromisso que há 48 anos mantemos com o setor. E como sempre podemos tirar o melhor das situações adversas, não podemos deixar de comemorar o alcance extraordinário que o Festival de Cinema de Gramado terá a partir da exibição pela televisão e por streaming. Esta já é uma edição histórica”, avalia Rafael Carniel, presidente da Gramadotur, autarquia municipal responsável pela realização do evento.

Marcos Santuario, curador do festival, revela que mais de 300 filmes foram vistos pela curadoria para a seleção final. E destaca também a importância dos curtas-metragens em exibição, que trazem para o festival a oportunidade de rotação e renovação entre ideias, diretores e novas perspectivas:

“Tem sido tradicional no festival a força do curta-metragem. Sempre esteve crescendo na capacidade de ousar. Os curtas têm representado em Gramado, tanto no universo dos gaúchos quanto das produções do restante do Brasil, momentos de muita intensidade cinematográfica e muito encontro. Eles trazem em si esse



Palácio dos Festivais. Nesta edição a cerimônia será transmitida ao vivo, sem plateia, pelo Canal Brasil e pelo Facebook do Festival

Foto: Cleiton Thiele / Pressphoto

desejo de ousar e criar. São vários lugares representados, várias histórias contadas".

CURTAS ABRINDO PORTAS

Gramado é transformadora de vidas, territórios e negócios. A inclusão de curtas fez produtores aparecerem e se notabilizarem de forma expressiva. Através dessa linguagem, jovens cineastas conseguiram alavancar suas obras, criar parcerias e avançar para a produção de longas.

O próprio Pedro Bial, um dos curadores convidados para essa edição, iniciou a carreira no cinema com os curtas, aos 20 anos. Em 1999, estreou na direção do longa-metragem *"Outras Estórias"*, sobre Guimarães Rosa. Recentemente, assinou a criação, argumento e roteiro, ao lado de Camila Appel, da série *"Em Nome de Deus"*, que analisa os casos de abuso sexual cometidos pelo médium João de Deus. Atualmente o jornalista conduz o programa de entrevistas *Conversa com Bial*.

Participam da 48ª edição do Festival 14 títulos de oito estados e Distrito Federal, escolhidos entre 428 inscritos: Rio de Janeiro com quatro filmes, São Paulo com três, Alagoas, Amazonas, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Sul, com um título cada. A Comissão de Seleção foi composta pela crítica de cinema, roteirista e jornalista cultural Lorenna Montenegro, pelo consultor, roteirista e diretor Frederico Pinto, pela diretora e roteirista Juliana Antunes, e pela roteirista, diretora e pesquisadora Rosa Miranda.

Em paralelo, a *Mostra Gaúcha de Curtas* tem espaço garantido no Festival – a produção exclusiva de curtas do Rio Grande do Sul terá 19 títulos. Nessa edição, oito cidades concorrem ao *Prêmio Assembleia Legislativa de Cinema*. Foram 113 inscrições de 17 municípios. Porto Alegre teve o maior número de inscritos, com 60 títulos, seguida por Pelotas, com 12. A Comissão de Seleção foi composta pelo diretor, roteirista e

produtor Lucas Cassales, pela produtora Tatiana Behar, pelo publicitário Rafael Bertoja, pelo crítico Yuri Correa e pela produtora Gisele Hiltl.

O Canal Brasil é o parceiro do Festival desde 1998. Nesta edição, além de selecionar o vencedor para a categoria de curtas-metragens brasileiros (CMB), com o Prêmio Canal Brasil de Curtas, irá transmitir ao vivo a solenidade de premiação.



Troféus

Foto: Edison Vara / Pressphoto

CONFIRA QUAIS SÃO OS CURTAS-METRAGENS BRASILEIROS CONCORRENTES:



Atordoado,
Eu Permaneço Atento / RJ



Blackout / RJ



Dominique / RJ



Extratos / SP



Inabitável / PE



Joãosinho da Goméa,
O Rei do Candomblé / RJ



O Barco e o Rio / AM



4 Biliões de Infinitos / MG



Receita de Caranguejo / SP



Remoinho / PB



Subsolo / RS



Trincheira / AL



Você tem olhos tristes / SP

Todas as fotos: Divulgação



Wander Vi / DF

A avaliação e as premiações dos curtas-metragens brasileiros e os da Mostra Gaúcha seguem o formato já conhecido. Os participantes concorrem ao troféu em 11 categorias: Melhor Filme, Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Direção, Melhor Roteiro, Melhor Fotografia, Melhor Montagem, Melhor Direção de Arte, Melhor Música, Melhor Edição de Som e Melhor Produção Executiva.

LONGAS: DIVERSIDADE CULTURAL DO BRASIL E DOS PAÍSES ÍBERO-AMERICANOS

Este ano, 146 longas-metragens brasileiros (LMB) e 93 estrangeiros (LME) participaram da seleção. São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul lideraram as inscrições na categoria LMB, com 46, 30 e 13 títulos inscritos, respectivamente. Já Argentina, Espanha, Uruguai e México saíram à frente com as inscrições entre os longas-metragens estrangeiros, com 49, 10, seis e cinco títulos inscritos, respectivamente. Ao todo, foram 15 estados mais o DF e 14 países.

Entre os Longa-metragens Gaúchos (LMG) – que desde 2019 fazem parte da mostra competitiva – cinco produções foram selecionadas. Todas concorrem à premiação de Melhor Filme – com o cobiçado Kikito e um prêmio de R\$ 5 mil. Este ano, a seleção reúne ficção científica, documentários, romance e comédia, e dá a dimensão da diversidade de gêneros e estilos produzidos no Estado. O curador é Leonardo Bomfim, programador da Cinemateca Capitólio, em Porto Alegre.

LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS (LMB) SELECIONADOS:



Aos pedaços / RJ



King Kong em Asunción / PE



Me chama que eu vou / SP



O Samba é primo do Jazz / RJ



Por que você não chora? / DF



Todos os mortos / SP



Um animal amarelo / RJ

LONGAS-METRAGENS ESTRANGEIROS (LME) SELECIONADOS:



Dias de Inverno / México



E I Gran Viaje al País Pequeño / Uruguai



El Silencio del Cazador / Argentina



La frontera / Colômbia



Los Fuertes / Chile



Matar a un Muerto / Paraguai



Tu me manques / Bolívia

Todas as fotos: Divulgação

GRAMADO FILM MARKET

O espaço do Festival de Gramado dedicado ao mercado também acontece de forma virtual. Já na sua 4ª edição, o *Gramado Film Market* mantém as tradicionais rodadas de negócios. Este ano, a edição acontece em sinergia com o Forcine – Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual.

SERVIÇO:

FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

18 a 26 de setembro

Curadoria: Marcos Santuario, Pedro Bial e Soledad Villamil

Homenageados:

Denise Fraga – Troféu Cidade de Gramado

César Troncoso – Troféu Kikito de Cristal

Laís Bodanzky – Troféu Eduardo Abelin

Marco Nanini – Troféu Oscarito

Os filmes concorrentes serão transmitidos pelo Canal Brasil, tanto pela televisão quanto pelo serviço de *streaming*, na GloboSat. Para ter acesso ao conteúdo, é necessário ser assinante de TV, cujo plano contemple o Canal Brasil. Os filmes têm suas peculiaridades de exibição, conforme a categoria. Os longas-metragens brasileiros (LMB) e estrangeiros (LME) terão uma única exibição pela TV. Os curtas-metragens brasileiros (CMB) serão exibidos uma vez pela TV e ficarão disponíveis por 24 horas através do serviço de *streaming*. Os curtas-metragens gaúchos (CMG) serão exibidos pelo *streaming* em quatro programas, com títulos agrupados conforme a classificação indicativa. Os programas serão disponibilizados às 14h do dia 19 de setembro e seguem no ar até as 23h59 do dia 22 de setembro. Já os longas-metragens gaúchos (LMG), cujos títulos ainda serão divulgados, terão exibição por *streaming* entre os dias 19 e 23 de setembro. A programação do Festival de Cinema no Canal Brasil acontece todas as noites, às 19h.

Como assistir na televisão:

NET: canal 650 HD e canal 150 SD

Oi TV: canal 806 HD e canal 66 SD

SKY: canal 113 ou 513

Claro TV: canal 650 HD e canal 67 SD

GVT | Vivo TV: canal 103

Vivo TV (DTH): canal 806 HD e 566 SD

Vivo TV (fibra | cabo) Canal 656 HD e 156 SD

Para assistir pelo serviço de streaming:

<https://globosatplay.globo.com/c/canal-brasil/>

Twitter – @cinemadegramado

Instagram – @festivaldecinemadegramado/

Todas as informações em:

<http://www.festivaldegramado.net/>

RESILIÊNCIA: A ARTE DA REINVENÇÃO III



Carmen Ferrão e Marcello Dantas na cerimônia de posse, transmitida virtualmente
Foto: Renan Constantin

BIENAL DO MERCOSUL 2022

Trauma, Sonho e Fuga

A empresária Carmen Ferrão, que define “a arte como veículo de oxigênio”, assume presidência da 13ª Bienal do Mercosul, que será realizada em 2022. Marcello Dantas é o curador



Na cerimônia virtual de posse, ocorrida em 19 de agosto, a empresária lembrou que 2022 será um ano de muitas comemorações no Brasil, como os 100 Anos da Semana de Arte Moderna e 200 anos da Independência. E afirmou: *“A nossa Bienal 13 acontece em meio a todos esses acontecimentos e penso em uma mostra muito atrativa, disruptiva e ao mesmo tempo que seja inclusiva. Uma Bienal em que teremos o Poder Público, patrocinadores, galeristas e comunidade artística, todos juntos e com um pensamento integrado”*.

A respeito do apoio necessário à realização do evento, a nova presidente foi enfática: *“Eu gostaria que as pessoas entendessem o valor e a honra que é investir em uma Bienal. É muito significativo, é uma construção de imagem”*.

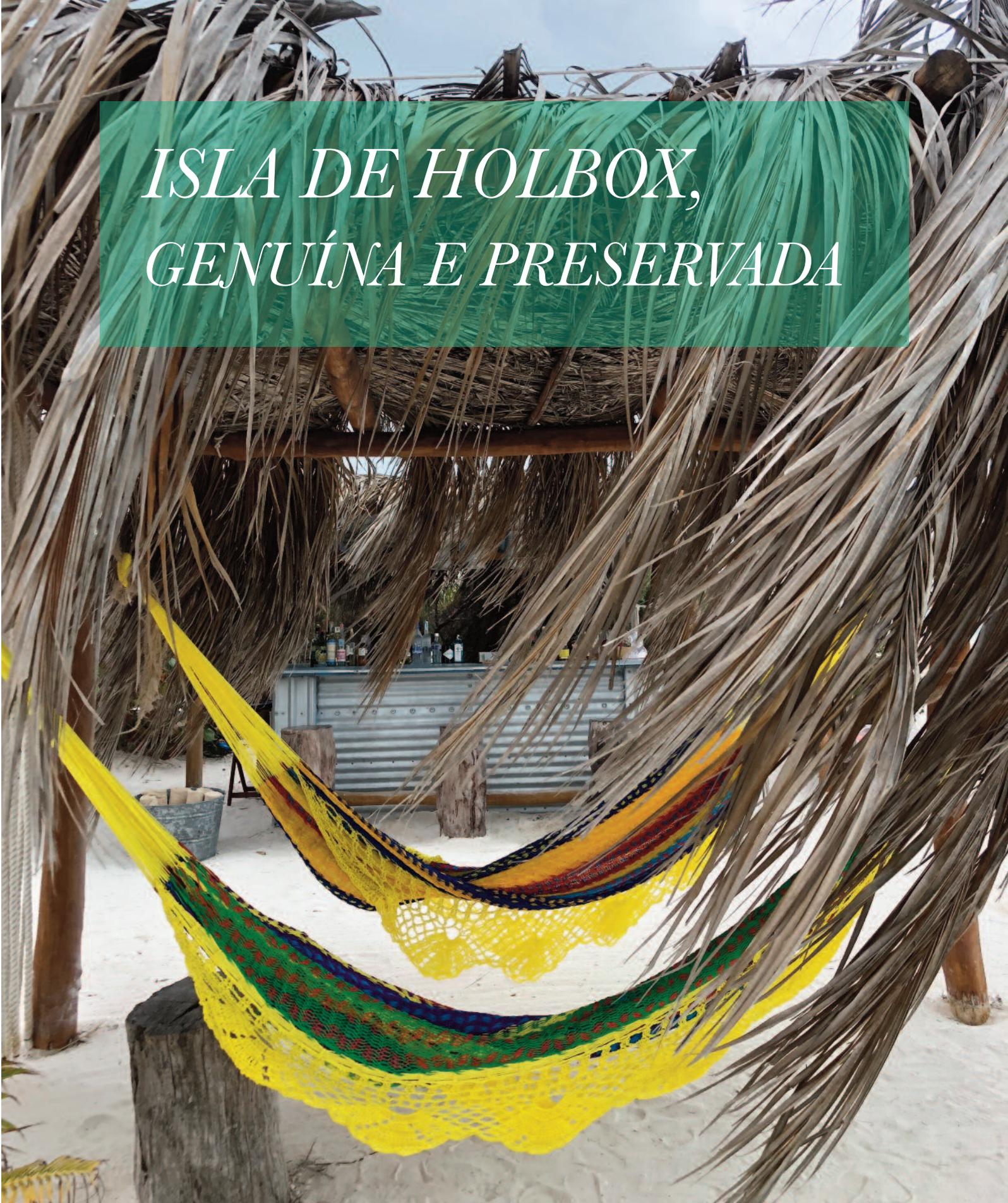
Depois de analisar uma extensa lista e realizar um amplo estudo sobre curadores do mundo inteiro, Carmen Ferrão escolheu o brasileiro Marcello Dantas para curador. *“O Dantas tem uma experiência internacional muito grande e tenho a certeza de que vai entender tudo que queremos transmitir”*. Juntos construímos o conceito para a 13ª edição da mostra: *Trauma, Sonho e Fuga*.

Para Marcello Dantas, a pandemia resultou em um momento de ruptura. O curador acredita, assim, que será uma oportunidade para explorar novas linguagens, possibilidades e interações da arte com diferentes campos do conhecimento.

“Estamos vivendo um dos maiores processos de alcance global que a humanidade já viveu. É quase inevitável que os artistas respondam criativamente ao imenso impacto da pandemia. Tudo será questionado e tudo está em transformação”, explica Dantas. *“O mundo nos mostra que em grandes tragédias da humanidade, a arte veio depois com todo seu vigor, como um acalento, como um turbilhão de criatividade”*, completa Carmen.

Marcello revela ainda: *“Queremos uma Bienal que seja 'live' e 'alive' ao mesmo tempo. Certamente teremos uma série de manifestações artísticas nativas do online. Mas vai ser uma Bienal bastante física, ocupando as ruas da cidade, buscando espaços não convencionais. Acreditamos que haverá um apetite das pessoas por experiências físicas, ainda que com desdobramentos no virtual.”*

*ISLA DE HOLBOX,
GENUÍNA E PRESERVADA*



Preservada da voracidade imobiliária e do fluxo maciço de turistas que contagiam quase todo o litoral mexicano, a minúscula Isla de Holbox manteve o ambiente pitoresco e descontraído, sem muita balada nem jet set, mas o salpicou com um toque chique para atrair uma seleta gama de frequentadores

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

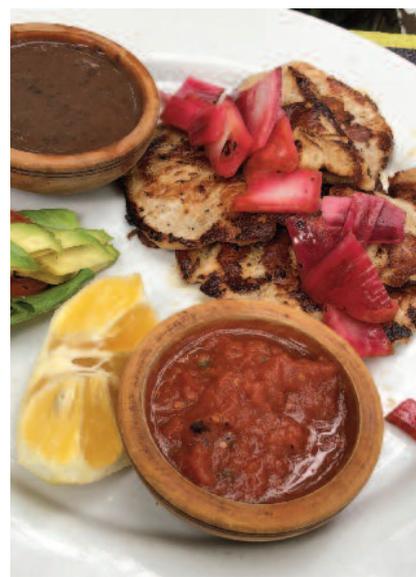
Ao mencionar a *Isla de Holbox* até para o turista mais antenado, não se espante se ele esboçar um sorriso duvidoso para logo emendar com a pergunta: “Mas, onde fica mesmo essa ilha?” É que, apesar do nome um tanto anglicano, Holbox (atenção, pronuncia-se olboche, que se traduz como “olho negro” no dialeto maia) é uma ilhota delgada com dimensões bastante inusitadas – 41 km x 1,5 km! – situada na província de *Quintana Roo*, na Península de *Yucantán*, a apenas 140 quilômetros de *Cancún*.

Não chega a ser um destino complicado de alcançar, porém o acesso se dá somente pelo mar e exige uma certa logística na hora de organizar os traslados do continente à ilha, devido ao horário das barcas, que fazem a travessia de 25 minutos desde a cidadezinha de Chiquilla até o porto de Holbox.



No entanto, a mão de obra compensa: no minúsculo vilarejo de pouco mais de 1.200 habitantes, praticamente não há vestígio de automóveis. Todas as ruas são de terra ou areia, algumas esburacadas, o “transporte público” são carrinhos de golfe elétricos que ostentam (ou não) uma placa de *táxi*, e quem quiser se locomover de maneira independente pode alugar com facilidade um quadriciclo, uma pequena moto ou uma bicicleta.

Na realidade, em Holbox a maioria das pessoas circula mesmo é a pé, zanzando de um lado para o outro, e é muito comum ver os turistas puxando a sua mala de rodinhas ou com um mochilão pendurado nas costas. Isso porque o fluxo de gente na ilha é eclético, e mescla desde *backpackers*, que se hospedam em *hostels* por uma diária acessível, a viajantes exigentes que usufruem



das mordomias oferecidas nas pousadas mais sofisticadas que, diga-se de passagem, nem são numerosas, mas se destacam pelas comodidades e acomodações luxuosas. O maior trunfo, entretanto, é que são todas elas *pé-na-areia*.

O agradável é que, apesar das diferenças, em toda a ilha predomina uma atmosfera democrática onde o ritmo de vida se caracteriza pela ausência de estresse e simplicidade. O *dress code* é despojado, ou seja, nada muito além de sandálias, *shorts*, cangas, bermudas, camisetas e trajes de banho sumários que desfilam dia e noite nas faixas de areia, em bares, restaurantes e nas ruas.

Verdadeira Torre de Babel, basta uma simples voltinha pela cidade para você ouvir francês, inglês, alemão, russo,

italiano, espanhol... e até mesmo português, só que o do sotaque lusitano; por incrível que pareça, em uma semana, não esbarrei em nenhum brasileiro por lá! Por estar (até o momento) fora do radar das agências que promovem o turismo no México, a *Isla de Holbox* preservou sua genuinidade graças a um fortuito anonimato.

Longe de ser uma meca da gastronomia (apesar de ostentar uma lista de 71 bares e restaurantes), Holbox se destaca muito mais pelo ambiente festivo e descontraído que reina em seus estabelecimentos do que pelos cardápios que oferece. Frutos do mar, lagostas incluídas, encabeçam todas as propostas mas o *fast food* – hambúrgueres, pizzas e sanduíches – costuma atrair a maioria da clientela. Os preços ainda não atingiram a estratosfera e é possível usar cartão em muitos



lugares, embora seja preferível pagar em espécie – dólar e euro são aceitos facilmente.

No entanto é sempre recomendável ter um punhado de pesos mexicanos para as pequenas despesas. Em contrapartida, também não fique na expectativa de contar com um serviço primoroso ou eficiente – o compasso é de uma ilha para lá de relaxada! – mas o atendimento é afável e o povo local hospitaleiro.

Mais para bebericar do que degustar, os turistas se aboletam em mesas rústicas, banquinhos ou cadeiras de plástico, dispostas ao longo das calçadas ou praticamente nas ruas, que viram verdadeiras passarelas.

Entretidos com o incessante vai e vem, calibram o esporte do “*people watching*” com rodadas de chope e múltiplas *frozen margaritas* a qualquer momento do dia, mas principalmente depois do anoitecer. Porém, não se iluda: a Isla de Holbox não tem a vida noturna frenética como as suas vizinhas *Cancún* ou *Isla Mujeres*. Badalação existe, mas é pacata e com toque muito familiar.

A melhor época para visitar Holbox é a partir de março, quando a temperatura começa a passar dos 20 graus e a água do mar, bastante turva durante os meses de inverno, fica translúcida e morna.



Quando chega o final do ano, pode fazer frio e chover bastante, e a praia fica amontoada de algas escuras que acabam obstruindo uma paisagem naturalmente idílica.

Durante os meses mais quentes, os passeios de barco são os programas mais concorridos, tanto para o mergulho como para a observação de baleias, que ocorre entre os meses de agosto a outubro. São inúmeras as operadoras locais que oferecem todo tipo de excursão.

Durante a alta estação (de junho a agosto), é recomendado reservar com antecedência. As melhores pousadas também organizam passeios diferenciados com serviço mais pontual e vantajoso, porém mais caros.

Outra atividade muito em voga na orla da praia – que se transforma desde as primeiras horas da manhã numa larga avenida salpicada de espreguiçadeiras, redes coloridas, almofadões e *ombrellones* – são as rústicas cabanas de massagem fincadas na areia, disputadas pela clientela itinerante e cujos menus incluem todo tipo de especialidade.

Com preços girando ao redor de 50 dólares por hora, os tratamentos com direito ao sussurro do mar saem mais em conta do que nas pousadas. A rotina do turista em Holbox condiz com um estado de espírito livre, leve e solto. Você acaba deslizando diretamente da cama *king size* para a beira do mar, logo depois de tomar o café

da manhã, largando o celular no quarto (onde costuma tem *wifi* e sinal de internet) e se desligando do mundo.

Os mais ativos podem optar por atividades que exigem um pouco mais de energia, como caminhadas na praia. Em direção sul ou direção norte. No entanto, elas não podem ser extensas: chega uma hora em que já não dá para ultrapassar as barreiras formadas por rochedos ou pântanos mas, com certeza, dá para esticar as pernas e ludibriar o *farniente*.

Numa das extremidades, longe do burburinho do vilarejo, é possível praticar *kitesurfe* e tem uma boa escolinha que oferece pacotes de aulas assistidas por instrutores. Também é fácil alugar SUP e agendar passeios a cavalo. O difícil é espantar a inércia contagiosa e tomar a decisão de levantar da rede.



Designed by macrovector / Freepik



SERVIÇO

Cancún é servido por várias companhias aéreas. *Copa Airlines* tem voos diários direto do Brasil, via Cidade do Panamá.

De carro são 140 km desde Cancún até o terminal da cidade de Chiquilla. De lá, duas companhias de barcas (*9 Hermanos* e *Express Holbox*) garantem as travessias até o porto de Holbox a partir das 5 da manhã até às 20h. A viagem dura 25 minutos e compra-se a passagem na hora. Não aceitam reservas nem compras antecipadas.

A moeda local é o peso mexicano. Não se pode confiar nas ATMs, raramente funcionam. O cambio, U\$ 1 = 19 pesos, pode variar bastante conforme o estabelecimento e, na ilha, não costuma passar dos 16. Leve dólares ou euros em espécie e trocados, as moedas são aceitas em quase todos os lugares.

OPERADORA

Holbox Adventure é uma empresa de Cancún que organiza todo tipo de passeios e traslados e atende a clientela com vans climatizadas e motorista. www.holboxadventure.com

ONDE COMER

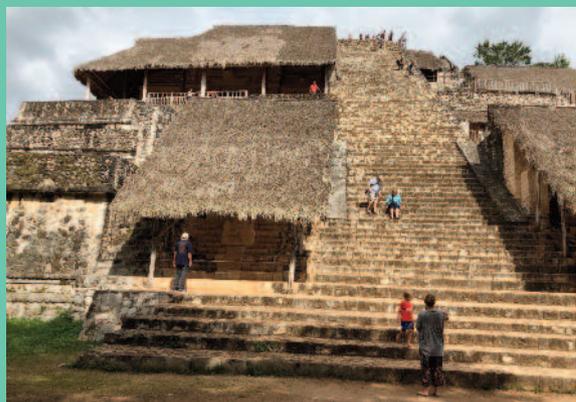
Et Voilá Sanduicheria – essa biosca no centrinho do vilarejo serve os melhores hambúrgueres e bons sanduíches por preços bem acessíveis.

Restaurante DiVino pizzeria – Calle Palomino. Italiano, serve pratos de massa e boas pizzas confeccionadas em forno a lenha. As empanadas argentinas são muito bem feitas e suculentas.

Restaurante Básico – Calle Tiburon Ballena. A casa define sua comida como “cozinha de praia”, servida num ambiente bem mais requintado do que a maioria dos estabelecimentos. A decoração é charmosa e o cardápio bem variado com pratos como costeletas de cordeiro e peixes.

ATIVIDADES

Visitar sítios arqueológicos como *Ek Balam* faz parte da agenda para quem está naquela região. As pirâmides desta cidade Maia datam de 100 A.C. Valem o esforço de passar umas quatro horas na van para conhecer as ruínas bem preservadas, se arriscar a galgar as escadarias íngremes e admirar os detalhes de acabamento destas impressionantes empreitadas.



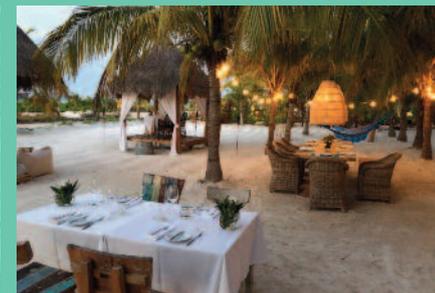
ONDE FICAR

Há alojamentos para caber em todos os bolsos. Não faltam *hostels* e pousadas simples, mas também existem hotéis de luxo com piscina, restaurante próprio, sauna, spa e suítes espaçosas.

Casandra

www.casandra.com – Tel.: +53 5 2429030

Encravado na frente da praia, ligeiramente afastado do burburinho do centro do vilarejo, essa charmosa pousada tem chalés privados espalhados num jardim bem cuidado em volta de uma piscina. O serviço é muito atencioso e há serviço de bar na areia, onde instalam redes, espreguiçadeiras e confortáveis *sunbeds*.



Las Tortugas

www.holboxcasalastortugas.com

Considerado como um dos lugares mais charmosos para se hospedar pela revista *Travel & Leisure*, este pequeno hotel fica literalmente na areia e também oferece mimos como piscina, serviço de praia e um spa.

Quando a vodka vira doce

Conhecida na produção de drinks como caipiroska, a vodka é uma bebida versátil que pode ser utilizada na produção de diversas receitas, inclusive sobremesas. Para quem quer se surpreender e saborear uma verdadeira experiência gastronômica diferenciada, Albert Lifschitz, sócio proprietário da Vodka Svarov, listou algumas receitas ideais para serem feitas em casa

MOUSSE DE MARACUJÁ COM VODKA

Ingredientes

- 1 lata de leite condensado
- 1 caixinha de creme de leite
- 2 ou 3 maracujás (ou 200ml de suco concentrado natural)
- 1 dose de vodka

Modo de preparo

Bata a polpa do maracujá no liquidificador e peneire para tirar os caroços. Você pode guardar as cascas do maracujá para usar como copo para servir. Em seguida, bata o creme de leite, o leite condensado e o suco do maracujá já peneirado. Adicione a dose de vodka e misture bem. Encha os copinhos (ou as cascas de maracujá) e leve à geladeira até endurecer, por aproximadamente três a quatro horas. Se preferir, use sementes de maracujá para decorar e sirva a seguir.





Foto: Divulgação

BALAS DE GELATINA COM VODKA

Ingredientes

1 litro de vodka

1 pacote de balas de goma em formato de ursos

Modo de preparo

Coloque em uma tigela de vidro as balas e a vodka na quantidade que for necessária para cobrir todos os ursinhos. Cubra a tigela com papel filme e deixe de molho por um ou dois dias, observando que quanto mais tempo as balas ficarem marinando mais vodka elas vão absorver. Quando o teor alcoólico estiver do seu agrado, retire as balas da bebida e sirva como aperitivo.

BRIGADEIRO DE CAIPIROSKA

Ingredientes

½ caixa de creme de leite

2 colheres de sopa de manteiga

50 ml de vodka

1 lata de leite condensado

Açúcar cristalizado

Raspas de limão para decorar

Suco de um limão



Foto: Divulgação

Modo de preparo

Em uma panela, leve ao fogo o leite condensado, o creme de leite e a manteiga. Mexa em fogo baixo até a mistura desgrudar da panela. Retire do fogo e coloque a vodka junto com o suco do limão. Volte a panela ao fogo até conseguir o ponto novamente. Use uma assadeira untada com manteiga pra colocar a massa e deixe reservado até esfriar. Unte as mãos com manteiga e faça bolinhas com a massa. Para decorar, passe cada brigadeiro no açúcar cristal com raspas de limão.



Foto: Divulgação

VERRINE DE CAIPIROSKA

Ingredientes

- 1 lata de leite condensado
- 1 lata de creme de leite
- 6 colheres de sopa de vodka
- 4 limões (suco)
- 2 xícaras de chá de água
- 1 envelope de gelatina em pó incolor (12 g)
- 2 colheres chá de amido de milho
- 3 colheres de sopa de açúcar
- Limão em rodela a gosto

CHOCOLATE QUENTE COM VODKA

Ingredientes

- 75 ml de vodka
- 200 ml de leite
- 1 colher de sopa de leite condensado
- 3 colheres de sopa de chocolate em pó
- 2 colheres de sopa de creme de avelã

Modo de preparo

Esquente o leite, mas não o deixe ferver. Em uma caneca separada, coloque o creme de avelã e a vodka. Quando o leite estiver quente, misture o leite condensado e o chocolate em pó. Despeje a mistura com o leite na caneca com o creme de avelã e a vodka e não mexa.

Modo de preparo

Reserve o suco de 1 limão e 1 xícara (chá) de água para a calda. Bata no liquidificador o creme de leite, o restante da água, o leite condensado e a vodka até formar um creme. Dissolva a gelatina incolor em pó. Adicione a gelatina dissolvida no creme e bata mais uma vez. Coloque em taças de sobremesa e deixe na geladeira por aproximadamente quatro horas. Disponha a calda por cima e decore com uma rodela de limão. Sirva gelado.

Calda

Coloque em uma panela a água e o suco de limão reservados, o açúcar e o amido de milho. Misture bem e leve ao fogo médio, mexendo até levantar fervura, e deixe por dois minutos. Reserve até esfriar mexendo sempre.



Foto: Divulgação

Depois da série sobre colecionismo, a Oxiênio Revista inicia uma nova sucessão de matérias onde artistas falam sobre o trabalho de outros nomes das artes visuais, apontando suas características singulares

Nathan Braga por Vicente de Mello

PERDA E REPARAÇÃO

A photograph of Nathan Braga, a man with short blonde hair and a beard, wearing a white t-shirt and dark pants. He is standing in a gallery space next to a large neon sign that reads "é duro ser país satélite" in a cursive script. The sign is illuminated with a bright blue light. The background is dark, and the floor is a dark blue carpet. The lighting is focused on the man and the sign.

Nathan Braga, *é duro ser país satélite*, 2019

Tudo que sofre alguma ação que altere seu curso imaginado – nos homens, nas coisas e na natureza – tem, na perda, algo que estabelece o novo, reparado para sua continuidade. Três obras de Nathan Braga são símbolos das circunstâncias existenciais desta condição



A obra ***À tua imagem e semelhança*** (2018), assim como o *Black mirror* (1968) de Antônio Dias, trata de superfícies aonde reflexos se revelariam aos olhos, mas que negam a existência da presença, tanto do ambiente aonde está quanto de quem se aproxima para se ver. Ambas, as obras, trazem a falência da imagem esperada, a não-imagem. Nosso reflexo está ali só que não somos aptos a notá-lo, ela está pairando acima da superfície do material, não nos materializamos como desejado.

Quarenta anos após o espelho negro de Dias, Nathan realiza uma obra de cor oposta, com elementos brancos: porta retratos em mármore apoiados em uma prateleira de naftalina compacta sustentada por um par de mãos francesas.

A naftalina é um composto químico usado na tentativa, infundável, de manter as coisas protegidas em sua integridade de fatores externos.

A prateleira cumpre aqui o seu papel no tempo, mantém sua retidão, mas ao exalar o forte odor dissipado por sua dissolução, anuncia o seu fim, que culmina no despencar dos porta retratos que se esfacelam em pedaços. O odor permanece no ambiente até sua total decomposição, assim como os suportes em mão francesas, agora disfuncionais, pois todas as partes perdem, a princípio, sua razão, e a obra amplifica o seu propósito.

Uma transmutação da arqueologia está na série ***Para levantar a cabeça do que aqui repousa*** (2019), onde representações de encostos de cabeça feitos em latão, referenciam os ornamentos egípcios cujo propósito estético e mágico era de "elevar" as cabeças da realeza, para que estas servissem à morte, erguendo-as do plano do corpo para que seus pensamentos não permanecessem em contato com o mundo dos mortos.



Nathan Braga, *À tua imagem e semelhança*, 2018

Foto: Divulgação

Mesmo com a aparente vulnerabilidade de suas lâminas douradas, as esculturas suportariam pela força da gravidade, o peso da cabeça humana. Esta possibilidade da experiência física individual as distanciam de sua gênese fúnebre e do objeto de contemplação, cativos de museus de *memorabilia*, remanescentes da sociedade humana e seu embate com a finitude.

Estamos diante de um desenho no ar, peso-pena estabilizado em pé, nominados com substantivos de su-

porte, proteção, amparo, como Palafita, Âncora, Esteio ... caleidoscópico de urgências que afetam a nossa felicidade e existência.

A vida é inclemente nas sociedades do mundo periférico, por isso **é duro ser país satélite** (2019). Nesta obra Nathan, para justificar nossa conjectura ao mundo tangendo uma distopia, elabora em luz neon sobre negro uma cosmogonia dialética comprometida com a busca da verdade. Como se para demonstrarmos nossa



Nathan Braga, *Para levantar a cabeça do que aqui repousa*, 2019

Em cima: *Esteio*
Embaixo: *Palafita*

Fotos: Divulgação



presença precisássemos escrever, com as estrelas em fundo infinito, uma alerta a outros continentes, como um SOS rabiscado na areia pelos náufragos, que só reafirma a nós mesmos que tomemos consciência da nossa posição no mapa geopolítico que, assim como a morte, a realidade do corpo dos colonizados vivem na iminencia de seu fim predestinado.

Nathan protege a sua existência com o odor da naftalina, na arqueologia dos rituais transcendentais de infinitude e na vigilância de sua condição de latino americano, pois sabe que toda historia é contada para não deixar de existir, e que as histórias tem sua finitude quando guardadas, sem cuidado, dentro dos baús.

Nathan Braga é artista visual e educador graduado pela UERJ, onde cursa mestrado em Arte e Cultura Contemporânea

Vicente de Mello é fotógrafo, curador e ensaísta

O TIPO DE MÁSCARA REVELA O PERFIL DO CONSUMIDOR BRASILEIRO?

Num mundo onde as expressões faciais estão ocultas, o modelo de máscara pode apontar a “identidade secreta” de cada um de nós

Por Stella Kochen Suskind*



Em um mundo anterior à pandemia, quando o cliente entrava em um estabelecimento comercial, atendentes mais experientes seriam capazes de fazer uma leitura rápida do perfil desse consumidor. De objetivos a indecisos, passando pelos que estão sempre em busca de produtos singulares, essa identificação do comportamental sempre foi essencial para proporcionar uma experiência de compra alinhada à expectativa de cada comprador. Em um cenário no qual as máscaras que protegem também escondem intenções e desejos de consumo, como lidar com essa nova realidade?

Há mais de três décadas atuo com pesquisas conduzidas por *clientes ocultos*. Aprendi que a expectativa de compra sempre está condicionada à personalidade do consumidor. Nessa perspectiva e diante da impossibilidade de ler a expressão do cliente e identificar o perfil de consumo dele, penso que temos uma outra forma de leitura: a máscara. Ela se tornou o símbolo da pandemia, e nesse exercício de revelar e classificar o humano por trás dela, tracei cinco tipos de clientes que mostram o aspiracional de personalidade.

PERFIL #1 | MUITO PREOCUPADO

Esse consumidor estará usando uma máscara de tecido branca ou de cor clara; por cima dessa, uma segunda proteção acrílica transparente ou a máscara profissional N95. Ele mostra uma grande preocupação em se contaminar ou contaminar alguém. Para ele, sair de casa para fazer uma compra é um exercício complexo, portanto, cada minuto é precioso no atendimento.

Dica. O atendente tem que ser bastante objetivo; optar por um cumprimento simples e ir direto ao ponto. Não é o caso de fazer vendas casadas distantes do produto que esse cliente pediu ou iniciar conversas sobre a pandemia. A expectativa dele é sair do estabelecimento o mais rápido possível para não se expor tempo demais ao vírus – e a boa experiência de compra depende dessa capacidade da equipe da loja.

PERFIL #2 | ENGAJADO

Esse consumidor opta por uma máscara associada a alguma campanha ou mobilização. Produzida por alguma comunidade específica, comprada para auxiliar alguma causa socioambiental, a máscara representa a sua adesão a algo maior, à resistência humana a um vírus. Atento em cumprir as normas de segurança, quer também auxiliar a retomada da economia. Voltar a comprar de maneira presencial mostra esse compromisso com a vida, a economia e a humanidade.



Máscara Copihel

Foto: Divulgação

Dica. O atendente deve passar otimismo na voz, já na hora do cumprimento. É importante mostrar que a loja cumpre todas as normas sanitárias estabelecidas para que a experiência de compra seja segura. Se o local tiver algum produto ou campanha social é muito importante que o vendedor fale sobre a iniciativa, de maneira assertiva. Esse cliente está aberto para uma venda adicional, desde que faça sentido – que seja mais do que a aquisição de um produto, mas um item que dialogue com o momento.

PERFIL #3 | DESENCANADO

Máscaras da AliExpress Foto: Divulgação



Esse consumidor opta pelas máscaras com temas divertidos ou neutros (bege, branca). Por acreditar que é necessário, usa a máscara. O que isso significa? Ele não quer que uma máscara defina um estado de espírito amedrontado. Quer se mostrar

consciente e à altura do desafio que enfrentamos. Está interessado em retomar uma rotina anterior à pandemia; acredita na transitoriedade da situação. As compras não terão tanta ligação com os itens mais comprados na fase de distanciamento social; está propenso a comprar itens de moda, por exemplo. Vai reagir bem à oferta de um item adicional e a uma conversa descontraída enquanto compra.

Dica. Não direcione o assunto para o medo da Covid-19 ou questionamentos sobre a vacina. Fale sobre o produto, pergunte sobre cores e modelos. É importante estar sensível ao estado de espírito do desencanado. Para ele, sair de casa e comprar é retomar a vida que tinha. É essa experiência que ele espera ter.

PERFIL #4 | PODEROSA

Essa consumidora – sim, elas são a maioria desse perfil – opta por olhos bem marcados, milimetricamente maquiados e ressaltados com sombras e esfumado. Estará com uma máscara de grife, ostentando uma marca e mostrando sedução no olhar e no gestual. Esse perfil não está atrelado à classe social, mas ao comportamento resistente e sedutor. Aceita que têm que usar a máscara para a dupla proteção – proteger a si e aos outros –, mas adota essa prática de maneira *fashion*. Ou seja, não quer que a máscara esconda a sua forma de enfrentar a vida.



Modelo de Marine Serre na *Paris Fashion Week*

Foto: Reprodução/Instagram

Dica. Elogie a máscara ou o olhar – claro, se for genuíno – antes de qualquer coisa. A proposta é mostrar que você percebe a pessoa que está por trás da máscara, que conseguiu expressar a sua individualidade em cada detalhe. Não tenha pressa, nem force um atendimento descuidado. Dê a essa cliente o tempo que ela precisa, porque está interessada em ter uma experiência de compra – não apenas comprar um item.

PERFIL #5 | NEGACIONISTA

Esse consumidor estará com a máscara no queixo ou pendurada no bolso. Quer dizer ao mundo que não é vulnerável e que não tem medo do vírus. Então, o vendedor ou gerente – preferencialmente, aliás – tem que ser firme e solicitar a colocação da máscara. É bem possível que ele se negue. Então, é preciso entender que nem todas as vendas podem ser feitas, mas que todas as vidas devem ser preservadas.

Designed by macrovector / Freepik



Dica: Peça, delicadamente, que esse possível cliente saia da loja.

* Stella Kochen Susskind é pioneira na América Latina na metodologia de pesquisa *mystery shopping* (cliente secreto). Autora do livro *Cliente Secreto*, a metodologia que revolucionou o atendimento ao consumidor (Primavera Editorial), faz palestras no Brasil e no exterior. Em 2019 fundou a *SKS CX Customer Experience Consultancy*, consultoria focada em experiência e satisfação do consumidor, que foi premiada este ano com o *MSPA Elite Member*, que a colocou entre as 12 melhores do mundo no segmento.

<https://skscx.com.br>



Foto: Divulgação

*PITT RIVERS:
UM MUSEU COMO NENHUM OUTRO*



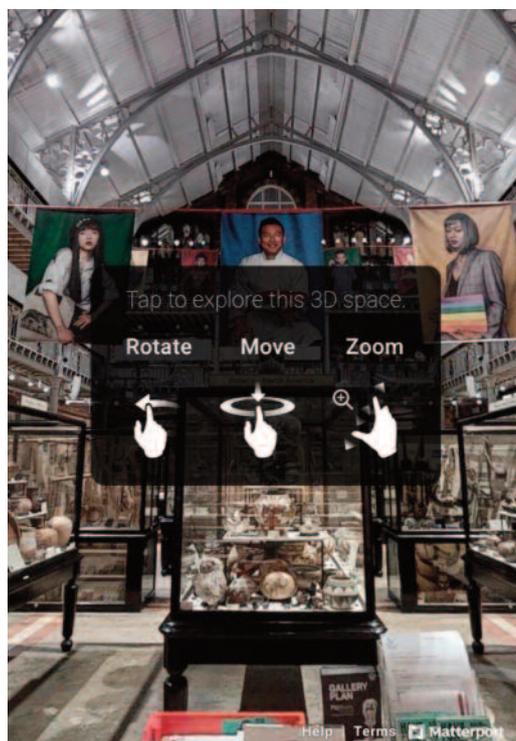


Foto: Reprodução do site

Minha primeira visita ao Museu Pitt Rivers, em Oxford, Reino Unido, foi nos anos 1980. Trata-se de um museu como nenhum outro, pouco conhecido e, definitivamente, um dos meus favoritos. Recomendo para a sua “bucket list”. Fechado devido à pandemia, mantém uma das mais interessantes possibilidades de visita virtual, simplesmente IMPERDÍVEL! Acesse o link <https://my.matterport.com/show/?m=ns3yCKpUzSq&help=1> e verifique.

Maria Herminia Donato

A instituição foi fundada em 1884, quando o General Pitt Rivers (que se chamava Augustus Henry Lane Fox) inesperadamente herdou a propriedade, os bens e nome *Pitt-Rivers* de seu tio-avô. Com a intenção de manter o acervo, doou a coleção à Universidade de Oxford, condicionada à construção de um museu para abrigá-la adequadamente. Em 1887 o museu foi inaugurado para visitantes; em 1892, foi totalmente aberto.

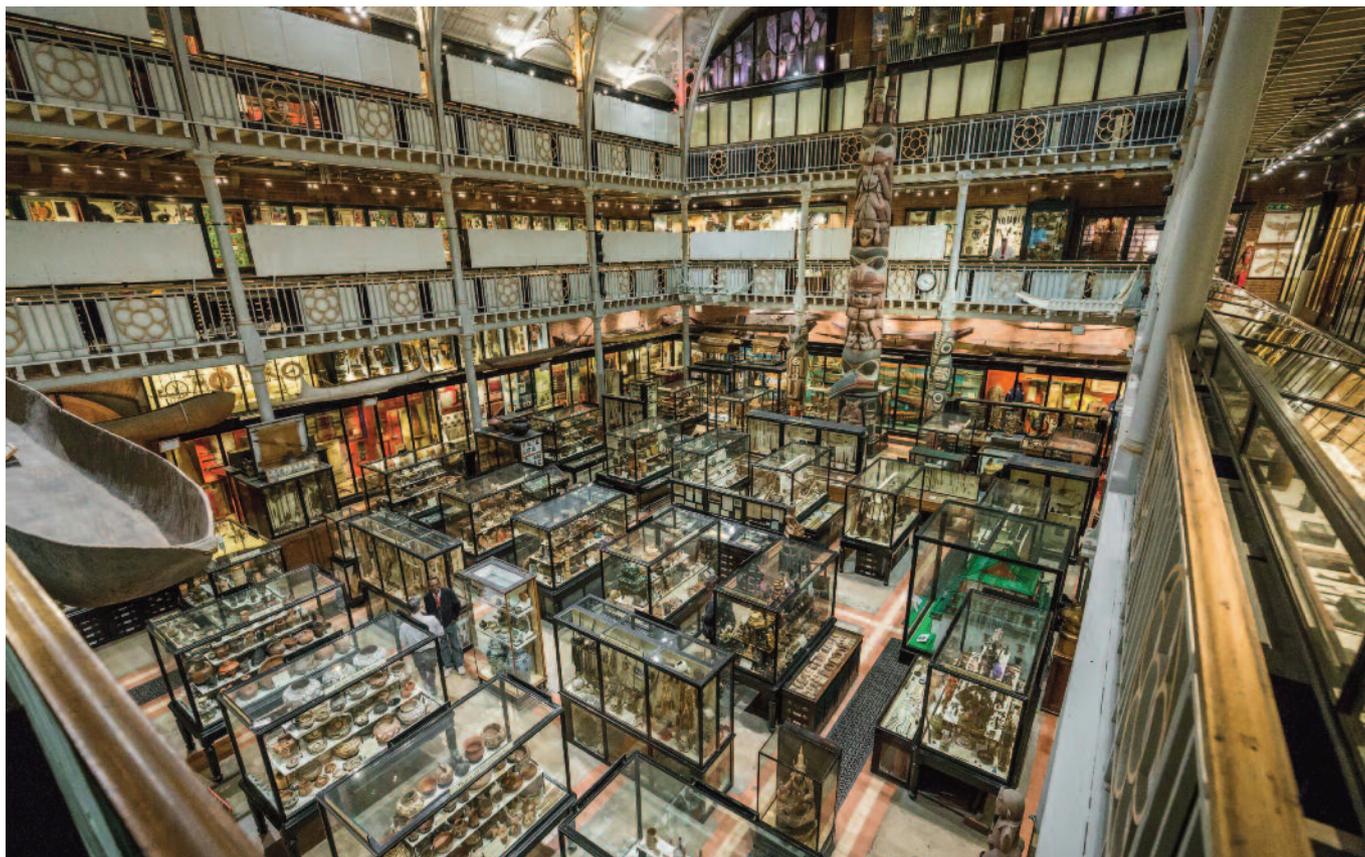
A coleção foi iniciada enquanto Pitt Rivers estava no exército, e ao ser doada contava com 26.000 objetos.

Ele se interessava particularmente pela tecnologia dos objetos do dia a dia que mostravam como as pessoas viviam: considerava a utilidade das peças do cotidiano fator importante para o estudo da evolução cultural.

Pitt Rivers foi uma figura influente no desenvolvimento da arqueologia e antropologia evolutiva. Excelente organizador, suas anotações dos sítios arqueológicos (metodologia) – a maneira radical como os objetos estão expostos por suas por tipo e forma – se tornaram modelo para outros estudiosos.

Na página anterior: Instalação *Losing Venus* (Perdendo Vênus) de Matt Smith, no Museu Pitt Rivers

Foto: William Pearce



Museu Pitt Rivers Museum, Universidade de Oxford

Foto: Ian Wallman

O MUSEU

As vitrines dominam quase todo o espaço físico do Museu e hoje contém 55 mil objetos.

As etiquetas incluem informações sobre cada peça e registram quem os coletou ou doou para a coleção, além da origem do item por país, região e grupo. As primeiras etiquetas utilizadas no museu eram pequenas e com informações manuscritas. Mantidas, garantem a magia e a memória viva da museologia da era Vitoriana.

Na maioria dos museus etnográficos e arqueológicos, os objetos são organizados de acordo com sua idade ou origem. O que faz o Pitt Rivers ser único é justamente a diferença na forma expositiva, uma vez que as peças são organizadas por categorias: instrumentos musicais, armas, máscaras, tecidos, joias, ferramentas etc., evidenciando que existem diversas maneiras de ser, de saber e até de copiar. Paralelos e justaposições mostram como há uma grande diversidade de formas

de resolver problemas semelhantes em diferentes épocas e por diferentes povos.

COMO PODEMOS DESCOLONIZAR MUSEUS?

Para os visitantes que têm patrimônio ou raízes em regiões do mundo que sofreram a violência do Império, o Museu Pitt Rivers pode ser um lugar difícil. Histórias foram silenciadas. Desfazer essa colonialidade é parte integrante do trabalho que o Museu faz hoje: Proveniência – Transparência – Repatriação – Reparação.

A explicação desse processo de *descolonialidade* está presente nos estatutos da instituição: *“Fazemos pesquisas sobre a procedência de nossas coleções e nos esforçamos para ser transparentes sobre suas histórias, mas também sobre a necessidade de repatriação de coleções, em particular, aquelas tomadas como parte de violência militar ou saque.*

A urgência da descolonialidade está no cerne do nosso trabalho, com autoridade curatorial a ser compartilhada e/ou entregue a curadores indígenas, detentores do conhecimento, e/ou artistas, que respondem criticamente ao Museu.

Em nossa programação, priorizamos vozes de membros da comunidade sobre vozes curatoriais, e em nossa interpretação pretendemos trabalhar para a inclusão de epistemologias do Sul que oferecerão interpretações e compreensão mais significativas, para que possamos trabalhar em direção a um futuro mais esperançoso que

manterá o Museu relevante para as gerações vindouras.”

Com fortes ligações históricas ao ensino de antropologia e arqueologia na Universidade de Oxford, o Museu hoje busca reunir pesquisadores de uma variedade de disciplinas para explorar temas críticos que conectam pessoas de todo o mundo às suas ricas coleções e às histórias que elas contêm.

A “descolonização cultural” é o grande desafio dos museus, revisando a representação nos seus acervos. As instituições vêm refletindo sobre a diversidade e ouvindo as vozes das pessoas que são representadas dentro de suas coleções e cujos legados estão enraizados no colonialismo.

Como os museus vão trabalhar com as comunidades de onde esses objetos vieram? Como os objetos vão parar em seus museus? O projeto de descolonização deve levar em consideração o que é coletado e quais histórias podem ser contadas a partir desses objetos. Os povos de origem das peças podem desejar tê-las de volta ou se considerarem felizes por estarem nessas instituições, podendo trabalhar com elas.



EXEMPLOS DE PROJETOS DE PESQUISA FEITOS PELO MUSEU



ONG *Insightshare* trabalhando com o Museu Pitt Rivers
Foto: John Cairns

Maasai Living Cultures

O Projeto começou em 2017, quando Samwel Nangiria visitou o Museu Pitt Rivers como parte de um programa de Liderança Indígena organizado pela ONG *Insightshare*. Ao longo de três anos, ocorreram três visitas de representantes *Maasai* do Quênia e da Tanzânia. Durante essas visitas, os delegados expressaram suas preocupações sobre a presença de cinco dos 188 objetos no Museu e indicaram que, sem intervenção espiritual, sua presença contínua em Oxford causaria grande preocupação.

Um exemplo disso é o *Isurutia*, um colar usado como dote de casamento, que é dado às filhas quando deixam a casa dos pais ao se mudarem para a casa dos maridos. Samwel Nangiria, ativista Maasai e diretor da ONG-Net esclarece: “*Ficamos surpresos ao ver estes*

objetos em Oxford porque eles nunca são dados a qualquer um em qualquer circunstância”. E acrescenta: “*Esse objeto em particular pode ter trazido maus presságios para a família (que perdeu a posse dele)*.” Para os Maasai, esses itens não são curiosidades históricas. Eles fazem parte de uma cultura viva.

Labelling Matters

A Pesquisa pretende revisar os aspectos visuais e textuais das vitrines permanentes do Museu Pitt Rivers. Este projeto visa identificar e mudar os textos públicos onde a linguagem é depreciativa.



Foto: Reprodução do site

African Restitution

Ao longo de 2020-2023, o Professor Dan Hicks irá liderar o envolvimento do Museu em três programas de pesquisas complementares, experimentais e orientados para a ação. Os programas estão focados em apoiar os esforços para devolver o patrimônio cultural africano, atualmente mantido em museus e coleções europeias, “Caso a Caso”. O trabalho envolve colaborações com colegas em Accra, Cairo, Cidade do Cabo, Berlim e em museus de universidades e autoridades locais em todo o Reino Unido.



Placa de bronze saqueada do Palácio Real de Benin, comprada pelo Museu Pitt Rivers por cinco libras em 1907

Foto:
Reprodução do site

EXPOSIÇÕES FECHADAS COM A PANDEMIA MAS, AINDA NO MUSEU

Matt Smith: Perdendo Vênus (Losing Venus)

Uma série de intervenções do artista Matt Smith explorando o impacto do colonialismo Britânico na vida das pessoas. O título *Losing Venus* é uma referência à ideia

de amor e gênero, mas também faz alusão ao propósito da primeira viagem do Capitão Cook – medir o trânsito do planeta Vênus.

A instalação é composta por quatro partes principais localizadas em todas as galerias.

Losing Venus faz parte do projeto *Beyond the Binary* que visa transformar Pitt Rivers em um espaço acolhedor, para que nenhum indivíduo ou grupo se sinta excluído em função da sexualidade ou gênero.

Traços do Passado (Traces of the Pass)

Reflexões sobre o Genocídio de 1994 contra os Tutsis em Ruanda.

Memórias na Minha Mala (Memoirs in My Suitcase)

A exposição apresenta uma seleção de fotografias, documentos e objetos que se relacionam com as vidas e experiências de trabalhadores migrantes turcos na Europa Ocidental, particularmente de "trabalhadores convidados" que viveram na Alemanha durante as décadas de 1960 e 1970.

Blow-up em Bissau: Fotografia e Renascimento de um Museu na África Ocidental (Blow-up in Bissau Photography and Museum Revival in West Africa)

Apresenta a forma como fotografias foram usadas por um museu da África Ocidental, devastado pela guerra civil, para reviver suas coleções.

Mais informações em <https://www.prm.ox.ac.uk/>

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
tem boas notícias
para dar?

Então seu lugar é aqui.
ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868